

NAS
LETRAS
E NAS
ARTES

Correio Paulistano

Suplemento

NO
LAR E
NA
SOCIEDADE



Mario Pedrosa é sério evidentemente, mas sabe rir nos momentos oportunos

SENTOU praça novamente nesta cidade, que com jubilo o recebeu, a notável figura de Mario Pedrosa que, como jornalista, professor e crítico de artes-plásticas, vem dando à cultura brasileira o máximo de si, o que vale dizer, um valiosíssimo patrimônio.

Convidado pelo mecenazigante destas paragens que é Francisco Matarazzo Sobrinho, para dirigir o Museu de Arte Moderna, o combativo crítico pernambucano retornou entusiasmado a São Paulo onde, por duas vezes durante a década de 20, militou arduosamente na imprensa paulistana.

REVOLUCIONARIO

Sendo como é, um espírito revolucionário por excelência, Mario Pedrosa sempre lutou contra todas as manifestações idiotas e reacionárias surgidas tanto no campo das artes como na política.

Mario tomou parte nos juris das Bienais de São Paulo nos anos de 1952 e 1954 e foi de sua larga competência a organização do Congresso Internacional de Críticos de Arte realizado em 59 em Brasília, Rio de Janeiro e aqui em São Paulo. Recentemente, participou do mesmo Congresso reunido em Varsóvia, representando nosso país.

Como professor de História do Brasil do Colégio Pedro II e livro-docente da cadeira de História da Arte e Estética da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, sua autorizada orientação didática vem sendo absorvida por sucessivas gerações de jovens.

Além das obras filosóficas: "Evolução do Conceito de Ideologia" e "Da Filosofia à Sociologia", Mario Pedrosa é autor dos seguintes ensaios: "Arte — Necessidade Vital", "Forma e Personalidade", "Panorama da Pintura Contemporânea", "A Problemática da Arte Contemporânea" no qual analisa as relações da arte com a ciência e ainda "Dimensões da Arte", livro esse que brevemente será publicado.

O retorno de Mario a S. Paulo constitui para nós, uma orgulhosa reconquista.

"CRITICO MESMO DORMINDO..."

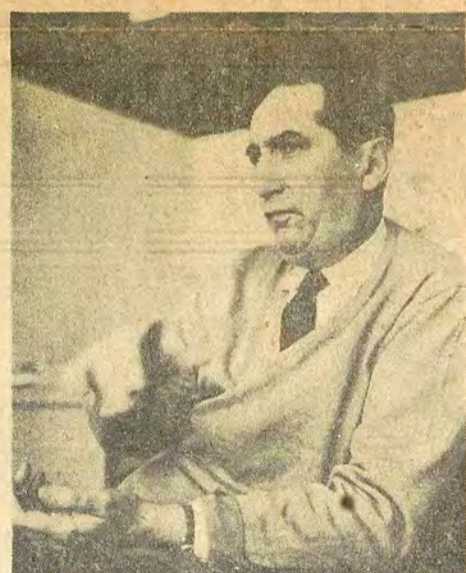
Fomos ao Museu de Arte Moderna conversar com Mario Pedrosa e o encontramos sentado na sala da diretoria entre dois magníficos artistas: — Marcelo Grassmann e Lula Cardoso Aires que trouxe recentemente para a "Galeria das Folhas", uma coleção de grande sucesso.

A nossa chegada, Mario ergueu-se efusivamente em sua linda bengala oriental e foi logo falando:

— Feliz oportunidade essa de voltar para cá! Tenho esperança de que S. Paulo dê às iniciativas deste Mu-

seu que é o mais importante da América Latina, o seu insubstituível apoio.

A primeira pergunta que arriscamos foi se pretendia conciliar os dois encargos: — atuação jornalística como crítico de artes-plásticas e a direção do Museu o que Mario respondeu:



Os problemas do MAM serão resolvidos, pois MP é competente e está disposto

— Como você sabe, crítico eu sou mesmo dormindo mas, não faço crítica militante. Pretendo continuar escrevendo meus ensaios.

RELEMBRANDO O PASSADO

Mario contou: — A primeira vez que vim para São Paulo foi em

1920 e aqui permaneci até 1922. Depois voltei em 1925 e fiquei até 1927 trabalhando no "Diário da Noite" dirigido por Osvaldo Chateaubriand. Por sinal, a redação desse jornal era naquele tempo, a mais surrealista que já vi. Atuavam nela Di Cavalcanti, Mario de An-



Os problemas do MAM serão resolvidos, pois MP é competente e está disposto

drade, Lívio Xavier, Fernando Mendes de Almeida, Nabor Caires de Brito, Rafael Correia de Oliveira, Rubens do Amaral e outros. Nessa ocasião, inaugurei no jornal as seções de "Política Internacional" e de "Crítica Literária". Ainda no ano 27 fui para a Alemanha estudar na Faculdade de Fi-

Mario Pedrosa no Museu de Arte Moderna — Orgulhosa Reconquista

Mario, um revolucionário por excelência — "Sou crítico mesmo dormindo..." — "O passado e uma redação surrealista — Dez meses no País do Sol Nascente — Roteiros e Metas — Ação imediata — VI Bienal

Escreve MARIA ANTONIETA D'ALKMIN

losófia da Universidade de Berlim até 1929, cursando as cadeiras de filosofia, estética e sociologia. Fui aluno de Werner Sombart, Breyzig, Sprange, Vogel e Thurnwald. Nessa época, juntamente com muitos colegas da Faculdade, lutei contra o nazismo nas ruas de Berlim. Tive também a oportunidade de contato com o expressionismo alemão através de Psicator, Grosz e Sternheim. Viajei depois para Paris onde filiei-me à corrente surrealista liderada por Aragon, Breton, Pérel, Tanguy, Miro e Eluard. Retornando ao Brasil em 1932, prefeiri aqui, no Clube dos Artistas Modernos, durante a exposição da pintora expressionista alemã Kate Kollwitz, uma conferência sob o título "As tendências sociais da arte de Kate Kollwitz", primeiro estudo sobre a interpretação social da arte apresentado no Brasil.

Continuando o interessante relato de sua vida tumultuada de emoções, Mario falou:

— Novamente em São Paulo no ano 34, e como revolucionário das lutas políticas travadas no país, tomei parte no conflito havido na praça da Sé por ocasião do desfile da milícia integralista, do qual, aliás, juntamente com muitos outros, saí ferido. Instantes antes de ser atingido, segurei o estudante de Direito, Decio que morreu em meus braços. Por causa de minhas atividades subversivas, com a implantação do Estado Novo em novembro de 1937, fui exilado na França e em Paris permaneci até 38. De lá rumei para os Estados Unidos e um ano depois tentei voltar ao Brasil mas fui reexportado. Em Nova York, trabalhei no Museu de Arte Moderna e durante a guerra, na seção de filmes do Escritório de Coordenação de Assuntos Interamericanos. Depois segui para Washington indo colaborar na União Pan-Americana como redator do boletim em português. Durante o meu exílio nos EUA escrevi um longo ensaio sobre a obra geral de Portinari e ainda sobre os painéis executados por ele na Biblioteca do Congresso de Washington.

O ENCANTAMENTO

Seguindo, Mario nos informou que durante essa sua permanência no país de "Tio Sam" descobriu o encantamento dos "mobiles" de Calder e que, sobre a obra desse famoso artista, fez o primeiro estudo crítico publicado no Brasil.

Mario prosseguiu: — Em 45 retornei ao Brasil e participei da luta pela liquidação da ditadura Vargas. Nesse mesmo ano iniciei a seção de "Artes-

Plásticas" no "Correio da Manhã". Em seguida, defendi minha tese "A psicologia da forma", baseada na "gestaltheorie", no concurso para a cadeira da História da Arte e Estética, da Faculdade de Arquitetura.

Aliás, essa tese, na qual Mario analisa os problemas da Arte sob o ponto de vista da psicologia da forma, mereceu elogios do celebre professor de Estética da Sorbonne, Etienne Souriau. Além de ser o primeiro estudo no genero aqui realizado, foi também um dos primeiros publicados no mundo.

NO JAPAO

Sendo vice-presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte, eleito no Congresso de Palermo em 57, Mario foi escolhido como crítico ocidental, para ir ao Japão, com bolsa da UNESCO, estudar as relações da arte japonesa com a arte contemporânea do Ocidente e lá permaneceu dez meses trabalhando no Museu de Arte Moderna. Sobre essas pesquisas realizadas, Mario está escrevendo um ensaio com o título: "Caligrafia Sino-Japonesa Moderna e a Arte Abstrata do Ocidente".

ROTEIROS E METAS

Referindo-se aos planos traçados para alcançar os

objetivos que deseja, Mario falou-nos:

— Pretendo dar a esta entidade uma orientação sistemática e isso dependerá das iniciativas que surgirem. Como instituição viva que é, o M. A. M. terá de desempenhar papel ativo, di-

ndo à T. V. expôr e explicar aos espectadores o valor de seu patrimonio, educando enfim, a sensibilidade do povo para torna-lo apto a apreciar e julgar as obras dos homens até os fenômenos da natureza. O museu moderno é um manancial de

interessadas na expansão artística e na formação cultural dos cidadãos do país. Seu papel é ainda evitar a perplexidade do grande publico diante da arte caótica e experimental do momento presente. O M. A. M. manterá um intercambio cultu-



Entre dois magníficos artistas: Lula Cardoso Aires e Marcelo Grassmann

namico, levando seu acervo pelas centros urbanos do interior em exposições circulantes acompanhadas de guias capacitados a darem orientação sobre as obras,

experiências artísticas e estéticas e deverá congrega em torno de si, não somente os artistas que são a sua materia-prima, mas também os críticos e demais pessoas

ral atuante não só aqui no Brasil mas com outros países, principalmente da América Latina. Traçando depois um pa-

(Conclui na 6.a página)



Com a reporter, Mario Pedrosa riu. E seu riso é franco como o seu caráter